



WESTHELLE, Vitor. *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

*Fernando Cardoso Bertoldo**

A presente resenha visa refletir sobre o livro “O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz”, do autor, Vitor Westhelle, nascido em Taquara/RS em 25/01/1952, tendo iniciado seus estudos de Teologia em 1972 na Faculdade de Teologia da IECLB, que corresponde hoje a Faculdades EST, em São Leopoldo/RS. Também fez o curso de Sociologia na Unisinos. Além disso, realizou estudos de doutorado em Chicago, EUA, entre os anos de 1978 e 1984. Voltou ao Brasil e trabalhou por três anos como pastor em Matelândia/PR, quando colaborou com a Comissão Pastoral da Terra. Lecionou na área de Teologia Sistemática na Escola Superior de Teologia de 1980 a 1993, quando retornou a Chicago. Enquanto pesquisador colaborou no Departamento de Estudos da Federação Luterana Mundial. E além da docência nos EUA, foi também professor visitante da Universidade de Natal, na África do Sul, na Universidade de Aarhus, Dinamarca, e por cinco anos, pesquisador da Cátedra de Estudos de Lutero no Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdades EST. Faleceu no dia 13 de Maio, de 2018, em Chicago.¹

Na primeira parte da obra a ideia é entender, então, “a cruz como tribulação”. A mudança das regras medievais do fazer teológico, de lectio, oratio e contemplatio para oratio, meditatio e tentatio, indica a razão do entendimento da cruz como tribulação. Isso porque a “tentatio”, introduzida por Lutero, é a própria tribulação que um teólogo ou teóloga da cruz passa quando busca “dizer as coisas como elas são”², que é, entretanto, o que cabe a quem tenta fazer Teologia da Cruz. A tentatio, ou a tribulação, então, é um aspecto importante da Teologia que Lutero quer produzir e instruir.

* Doutorando em Teologia (EST, São Leopoldo, RS). Mestre em Teologia (PUC-RS, Porto Alegre, 2017). Graduado em Psicologia (PUC-RS, Porto Alegre, 2013).
E-mail: nandobertoldo@hotmail.com.

¹ Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

² WESTHELLE, Vitor. *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2008. p. 49





A seguir o autor vai tratar de uma busca particular de Lutero: encontrar um Deus misericordioso e entender a sua justiça. Lutero lidava com a ideia de um Deus “aterrorizador”³, e era, ele mesmo, carregado por um sentimento de culpa. Podemos resumir a angústia de Lutero a respeito da justiça de Deus no seguinte questionamento: “Como Deus pode ser justo e, ainda assim, ser um Deus amoroso?”⁴. E aqui é importante ressaltar um princípio jurídico lembrado pelo autor: “o suum cuique (a cada um o seu)”⁵. Isso significa que, se tenho uma dívida, e de fato a temos, ou pagamos ou somos punidos por ela. Outros questionamentos que perturbavam Lutero vão aparecer, como: “[...] quem fará agora o pagamento pelo fato de a humanidade ter matado o próprio Filho de Deus?”⁶. Entender esta busca de Lutero é importante para entender a sua Teologia. A resposta que o reformador encontrou foi exposta assim: “Eis a nova definição de justiça [...]: justiça é o conhecimento de Cristo”⁷. Ter conhecimento de Cristo é saber que existe uma troca na vinda redentora de Cristo: nós no lugar dele e ele em nosso lugar. E os dois lados desta troca são deveras importante de serem reconhecidas. Lutero vai, então, contra a compreensão de justiça mais difundida de sua época, o “suum cuique”, basicamente dizendo: “para nós o que não é devido a nós [mas vem como uma dádiva]”⁸.

Depois o autor vai falar da ironia peculiar de Lutero que “ele insere constantemente [...] para perturbar o âmbito tranquilo da correspondência analógica.”⁹ Ele, entretanto, não abandona totalmente o raciocínio analógico. “A teologia de Lutero não é uma síntese total nem uma separação completa, mas é simultaneamente ambas; é ironia irrompendo no âmbito da analogia.”¹⁰ Lutero fazia uso as ironia quando subvertia “os cânones estabelecidos da jurisprudência e da racionalidade em geral.”¹¹

Indo contra a compreensão escolástica de sua época, que sugeria que a razão era levada a perfeição pela fé, Lutero defendia que a fé

³ WESTHELLE, 2008, p. 50.

⁴ WESTHELLE, 2008, p. 52.

⁵ WESTHELLE, 2008, p. 52.

⁶ WESTHELLE, 2008, p. 52.

⁷ WESTHELLE, 2008, p. 53.

⁸ WESTHELLE, 2008, p. 54.

⁹ WESTHELLE, 2008, p. 57.

¹⁰ WESTHELLE, 2008, p. 58.

¹¹ WESTHELLE, 2008, p. 59.



pressiona a razão até seu limite “até o ponto em que ela não funciona mais e tem que ser abandonada em troca daquilo que ele chama de fé”¹². Ou seja, o “escândalo da cruz”¹³ só faz sentido se, no final das contas, não fizer sentido racionalmente, mas só através da fé. Entender o sofrimento, a cruz e a morte também são cruciais para se iniciar o labor teológico. E a resposta não está na lógica da economia, e sim no entendimento da graça. Devemos aceitar como dádiva que é dada sem esperar de nós nada em troca. Dar algo em troca, inclusive, destrói essa noção de graça. Pois é “em face da morte que a vida é uma dádiva; é em face da cruz que a ressurreição é uma palavra de graça. É no sofrimento que a salvação (saúde) é recebida gratuitamente.”¹⁴ Para Lutero a teologia deve ser trabalhada em um contexto de fé.

O autor ainda traz à luz a discussão a respeito da abscondidade de Deus em Lutero. Deus estaria abscondido na cruz e atrás da cruz, ao mesmo tempo. “Esse duplo sentido que se encontra em Lutero não representa opções alternativa para a interpretação. Ambos são válidos”¹⁵. Segundo Westhelle, se Deus está oculto na cruz, então ele participa da paixão de Cristo, mas se Ele também está oculto atrás da cruz, a sua majestade e poder não são afetados pela cruz.

¹² WESTHELLE, 2008, p. 59.

¹³ WESTHELLE, 2008, p. 61.

¹⁴ WESTHELLE, 2008, p. 62.

¹⁵ WESTHELLE, 2008, p. 69.